# DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

## 11 DE SETEMBRO. DE 2001

20 anos depois, a injustiça, a revolta e a saudade. (pp. 06-08)



Aborto e Direitos Reprodutivos - Um Impedimento de Gerações Por Inês Simões (pp. 09-12)

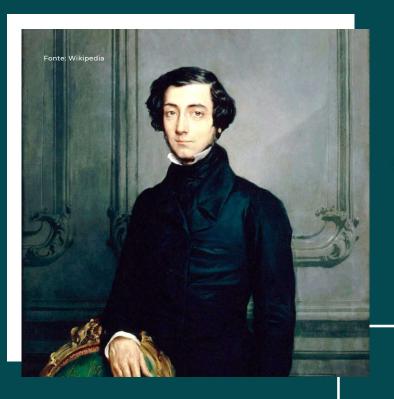
So You Want to Talk About What's Happening in... Beirut Por Nada El-Majri (pp. 21-24)

"Das Naturais Oposições" Por Helena Sequeira (p. 26) EDIÇÃO VI

Setembro de 2021







# ALEXIS DE TOCQUEVILLE

Magistrado, político, sociólogo e filósofo francês

Autor de **Da Democracia na América** 

### BONS DIAS, CARÍSSIMO LEITOR!

Provavelmente já ouvistes falar da minha pessoa; provavelmente não. De todo o modo, certamente encontrarás em mim, se procurardes, algumas das reflexões que terás, já, encetado, aquando da observância do mundo que vos rodeia. O mundo social e político. Aquele que é próprio do Homem.

Durante a minha viagem ao "Novo Mundo", denotei o espírito das comunidades políticas recémformadas. Ávidas de sucesso, de melhoramento do nível de vida, fundam-se num princípio de "igualdade de condições" que - apesar de profícuo na prossecução dos interesses fundacionais -, isola os homens. Dissolve a comunidade numa soma aritmética de indivíduos atomizados, cada um deles, abandonado à solidão do respectivo coração.

Foi contra este "individualismo" que decidi inspirar o corpo editorial e os redatores deste jornal que, em seguida, ides ler. Se, a vossa criatividade e espírito crítico, formos - eu e os meus inspirados - capazes de trazer, para a esfera pública, levando-vos a falar, a escrever e a agir, em defesa da porção do globo comum que é vossa... teremos conquistado o paraíso possível - o da Alma Humana.

# 



### / LUÍS DUARTE

Se há uma grande perda aquando da entrada para a vida adulta é das perguntas inocentes.

O direito à incógnita desaparece e é substituído pela responsabilidade da resposta ou, no limite, pela prossecução de um caminho que a ela conduza. Contra essa responsabilidade (talvez a mais sufocante da vida adulta) existe como último bastião a universidade. Sendo ainda parte do percurso académico dos privilegiados que a ela têm acesso, a universidade conserva algumas características da primeira sala em que entrámos quando começámos o ensino primário

A universidade relembra-nos regularmente de quão ínfimo é o nosso conhecimento do que nos rodeia, uma experiência de humildade e descoberta que cria as condições para irmos atrás do conhecimento que procuramos. Ainda assim, o espírito académico que se vive no ensino superior não se escapa ao futuro. As perguntas que formulamos na universidade já não se escapam à busca pela resposta e, assim, podemos olhar para esta fase da nossa vida como um novo começo.

Um porto de partida para uma viagem sem destino definido, mas da qual não podemos escapar a partir do momento em que colocamos um ponto de interrogação no final de cada uma das nossas inquietações. A "Da Democracia em Portugal" pretende ser mais um barco para aqueles que não querem ficar em casa.



Tendo consciência da responsabilidade que temos enquanto estudantes de Ciência Política e Relações Internacionais de procurar conhecer e explicar o mundo à nossa volta, a DDEP é mais um veículo para exercitarmos a investigação e a exposição, a reflexão e o desconforto, uma ponte entre a inocência das perguntas e o peso das respostas.

Os membros da equipa da DDEP reclamam para eles a liberdade dos que recusam o "faduncho choradinho de tabernas e salões", e defendem um ambiente pluralista e livre, que ofereça aos seus redatores as melhores condições para crescer e procurar as respostas que possam tornar a sua cela um pouco maior (nas palavras de Simone Weil, "A man whose mind feels that it is captive would prefer to blind himself to the fact. But if he hates falsehood, he will not do so").

Entrando para esta "segunda época", a DDEP volta com energias redobradas, uma imagem (ligeiramente) diferente, e uma grande vontade de fazer mais e melhor sem nunca perder de vista o ponto de partida. Sem tentar ser uma resposta, a DDEP assumir-se-á como uma fuga das perguntas, e convida todos os seus leitores a acompanhar a sua viagem.

Enquanto diretor, não poderia acabar este editorial sem agradecer a todos os membros da equipa da DDEP, principalmente aos que aceitaram o desafio da direção deste projeto, pela considerável dose de loucura necessária para embarcar numa aventura arriscada mas que valerá, como todos os bons combates, todos os sacrifícios que possamos ter de fazer em nome da curiosidade e da busca pelo conhecimento.



# CONTEÚDO

06

### LÁ FORA

Separador de assuntos internacionais ou que analisem a atuação do Estado português internacionalmente.

09

### ESTADO DE DIREITO(S)

Separador dedicado à investigação no campo dos direitos humanos e a artigos de opinião.

26

### **CRIA-TIVIDADE**

Separador dedicado à produção escrita e à criatividade.

32

### **NÚCLEO MUSICAL**

Sugestões e análises de produções musicais.

36

### **ESPAÇO CULTURA**

Sugestões e críticas de produções e programas de diferentes áreas culturais.





# 11 de Setembro <u>de 200</u>1

/ POR LAURA GUIMARÃES

Il de setembro. Durante tantas décadas uma data trivial, um dia igual a todos os outros. Atualmente, os voos para Nova lorque nesse dia são mais baratos que o normal, e nesta dolorosa ocasião a cidade inunda-se de manifestações dos sentimentos que a alastram: injustiça, revolta e saudade.

No dia 11 de setembro, os dois focos de luz que iluminam o céu quando o sol já não o faz brilham um pouco mais forte, situados onde outrora se ergueram duas torres de 110 andares, protagonistas de um futuro promissor para os Estados Unidos da América. Esses focos de luz, cujo fim do feixe não consegue ser vislumbrado da Terra, relembram o terrível acontecimento que nenhum americano conseguirá esquecer.

No dia 11 de setembro de 2021, vinte anos após o ataque terrorista mais chocante do século, é ainda possível ver nas ruas de Manhattan anúncios que pedem aos cidadãos que estiveram na área nos anos seguintes e foram mais tarde diagnosticados com doenças respiratórias ou cancerígenas para contactar uma autoridade designada para o efeito, visto essas doenças serem consequência do fumo e pó inalados.

É seguro dizer que ainda hoje a memória do que aconteceu nos assombra, exatamente pelas terríveis condições nas quais milhares de pessoas morreram, tanto em Nova Iorque como em Washington (no Pentágono), ou no avião que se despenhou na Pensilvânia.

Para estes milhares de pessoas, 11 de setembro de 2001 era um dia normal de céu azul, no qual teriam uma reunião importante, ou mais um dia de trabalho antes de o seu aguardado fim de semana chegar.

Despediram-se das suas famílias sem saber que aquela seria a última vez – deixando provavelmente algumas despedidas por fazer –, e iniciaram a sua comuta ou dirigiram-se para o voo que tinham de apanhar, completamente ignorantes da sua situação.

8h46min da manhã: um avião embate na Torre Norte das Torres Gémeas, o coração financeiro de Nova Iorque.

No meio de estupefação e alguma confusão face ao que se pensava ainda ter sido um acidente isolado, forças de reação rápida e repórteres começaram a deslocar-se para perto do local. Contudo, após o segundo embate na Torre Norte e um terceiro no Pentágono, quaisquer dúvidas face a um possível acidente haviam sido dissipadas. Os Estados Unidos da América estavam sob ataque.

Equipas de profissionais de saúde reuniram-se nas portas das urgências dos respetivos hospitais, mas rapidamente se aperceberam que não havia sobrado quase ninguém para tratar.

Grupos de trabalhadores tentavam descer os lanços de escadas das Torres Gémeas para fugirem aos horrores que estavam a presenciar, mas subitamente perceberam que nada havia a fazer quando sentiram o chão esmorecer-se debaixo dos seus pés e um vazio a sugá-los para baixo.

### LÁ FORA

Dezenas de pessoas aperceberam-se de que não havia como impedir o seu destino, e deram um passo em falso em direção ao nada, caindo voluntariamente para a sua morte.

Outras tantas tentaram, num esforço desesperado, subir ao topo do edifício em chamas onde se encontravam para pedir ajuda, e não muito depois se aperceberam de que esses seriam os seus momentos finais

Entre estas pessoas encontravam-se alguns heróis que, num verdadeiro ato de serviço ao seu país, entraram nos edifícios atacados para tentar ajudar quem lá estava, muitos deles instantaneamente percebendo que não voltariam a sair dos mesmos com vida.

Sendo estas apenas algumas das descrições das infinitas histórias deste acontecimento, o horror deste dia ecoa ainda pelas ruas de Nova Iorque, seja através dos monumentos e museu de tributo construídos onde antes se erguiam as torres mais altas da cidade, através das testemunhas oculares, dos residentes da zona, dos familiares das vítimas e dos poucos sobreviventes, ou das pessoas que ainda hoje desenvolvem doenças consequenciais do evento em questão.

Sem dúvida que este ataque trouxe ao povo norteamericano tanta união quanto destruição, reforçando o seu ADN de combate contra a adversidade, despertando a "luta contra o Terror" e as suas consequências em variados campos, cujo efeito Borboleta dos mesmos ainda hoje pode ser reconhecível.

Primeiramente, surgiram as mudanças mais óbvias e esperadas: o setor da aviação e aeroportos fizeram mudanças drásticas à sua segurança, muitas delas adotadas por outros países, e que se mantêm em ação até hoje.

Registou-se também um desenvolvimento acentuado da tecnologia de vigilância e prevenção, através da adoção da mesma por Nova Iorque e outros países no contexto de melhorar estratégias de deteção de anomalias, de reforço de vigilância e antiterrorismo, impelindo uma das cidades mais desenvolvidas do mundo para a direção do que alguns autores apelidam de "smart city".

Em terceiro lugar, as consequências para a saúde de todos os envolvidos estão ainda em análise, sobretudo considerando que 2 mil toneladas de fibras de amianto (juntamente com outros componentes), foram espalhados pela queda de ambas as torres ao longo de um raio de vários quilómetros, sendo contudo já possível afirmar que, de acordo com um estudo feito em 2011 (financiado pelo National Institute for Occupational Safety and Health), bombeiros que estiveram presentes na área imediatamente após o ataque têm um acréscimo de 19% de probabilidade de ter cancro do que a restante população não afetada.

Os efeitos médicos a longo prazo do ataque terrorista tornam-se inegáveis perante os dados de que até 2021, cerca de 24,000 pessoas foram diagnosticadas com uma das várias condições médicas fruto dos ataques do 11 de setembro (sendo os dados supramencionados fornecidos pelo Mesothilioma Center).

Por fim, e provavelmente com as consequências mais transfiguradoras e de maior alcance até aos dias de hoje, apresenta-se o cenário político e internacional.

É certo que muito pode ser dito acerca deste tema em específico, e variadas teses e livros foram já produzidos sobre o mesmo. Contudo, o objetivo deste artigo (talvez poderá ser o de um futuro, mas por enquanto fiquemo-nos pelo resumo), não é entrar em detalhe neste tópico.

### LÁ FORA

Não obstante, é imprescindível mencionar que, de modo algo irónico, vinte anos após o ataque terrorista que tanto chocou a comunidade internacional e que inclusivamente empurrou os EUA para uma guerra com o Afeganistão, as tropas americanas retiraram-se do território afegão, com uma das consequências desta ação ser o facto de o controlo afegão ter caído nas mãos dos Talibãs, tendo em conta que as restantes consequências deste ato ainda estarão por se revelar.



Enquanto o mundo se divide nas opiniões e argumentos quanto ao que fazer face ao fim da retirada americana do Afeganistão, as consequências a curto prazo (sobre as quais inúmeras considerações podem ser já tecidas), dentro do país em questão estão já a acontecer, sendo as mais chocantes apresentadas na forma de regras e restrições aplicadas sobretudo à população feminina do país, no que corresponde a uma violação dos seus direitos

Independentemente do desfecho desta situação, um ponto relevante aqui a marcar é a questão de que, se não tivessem acontecido os ataques de 11 de setembro de 2001, estariam os EUA e o mundo ou não nesta situação? De que forma poderia o presente ser diferente?

Estas questões são, logicamente, impossíveis de responder, e as respostas às mesmas residem apenas na especulação. Contudo, o objetivo destas perguntas é fazer entender que de facto os efeitos do ataque terrorista sobre o qual este artigo trata foram de bastante maior dimensão do que apenas a destruição presenciada no fatídico dia que todos sabem de cor.

As consequências deste acontecimento – que ficará para sempre gravado na história –, dificilmente poderiam ter sido todas previstas imediatamente após o ataque, e os eventos deste ano provam que as ondas que criou estão ainda por se desvanecer.

Um facto é garantido, independentemente das consequências diretas ou indiretas que ainda produz no cenário mundial, a memória dos ataques de 11 de setembro de 2001 ficará para sempre gravada na História e mente de todos os que dizem "Never Forget", continuando a ser passada às gerações vindouras, tal como tem vindo a ser feito até hoje.

# Aborto e Direitos Reprodutivos -Um Impedimento de Gerações



Aproximadamente 1 em cada 4 mulheres nos Estados Unidos da América passará por um aborto até aos seus 45 anos. Deste modo, seria de esperar que a elas estivessem acomodadas as melhores condições, os melhores acessos em termos de saúde e segurança, sempre com o intuito de que tudo corresse pelo melhor.

Conquanto isto, é com tristeza que, enquanto género, vejo esta condição a ser cada vez mais dificultada e restringida, arriscando-me até a utilizar a palavra "caçada". Por sinal, foi no início deste mês de setembro que as mulheres no Texas se viram colocadas numa posição de grande fragilidade, vendo não só o limite gestacional permitido para o aborto a ser reduzido, mas também a serem tratadas como criminosas na eventualidade de a ele recorrerem após a data estabelecida.

De facto, no seguimento do caso Roe v. Wade de 1973, passou a ser inconstitucional nos Estados Unidos a regulação excessiva do aborto por parte do estado, sendo que, posteriormente, foi decidido que os valores para a interrupção voluntária da gravidez poderiam oscilar entre as 24 e as 28 semanas de gestação. Com isto, cada estado federal deveria decidir qual o limite que queria implementar, sendo que- neste caso particular- o valor no Texas era de 20 semanas.

Porém, esse limite foi agora reduzido para as 6 semanas, não permitindo mesmo qualquer tipo de exceção para casos de violação ou incesto, havendo até um website onde se podem deixar dicas anónimas para denunciar qualquer tipo de pessoa que tenha auxiliado uma mulher a abortar, seja ele a pessoa que conduziu a mulher ao hospital, o próprio médico- no fundo, qualquer pessoa que o "whistleblower" considere ter tido culpa no cartório, mesmo sem possuir qualquer tipo de relacionamento para com aqueles que acusa.

Uma caça às bruxas parece, então, estar em ordem, numa lei que o próprio Tribunal Supremo optou por não chumbar, contrariamente a todas críticas e apelos que se faziam sentir e ouvir, inclusive, do seu presidente: Joe Biden.

Parece-me que esta é, finalmente, a concretização de algo há já muito esperado por conservadores "pró-vida", que esperam agora, nos seus próprios estados, conseguir implementar algo semelhante, senão mais rigoroso ainda. Poderemos, a título de exemplo, esperar ação em estados como a Georgia, o Mississipi, Kentucky ou Ohio que, já em momentos passados, haviam tentado, mas sem sucesso, restringir este direito ao aborto, estabelecendo o términus com base na atividade cardíaca do feto.

Permanece, pois, a questão: não deveria a lei, com base no caso acima mencionado, ser considerada inconstitucional? A linha é ténue e, aparentemente, dúbia para quem decide, uma vez que- de forma a salvaguardar-se- o estado do Texas colocou a tónica de regular e controlar as práticas de aborto nos seus próprios cidadãos, ou seja, a um nível individual.

Desta feita, no seu entender, o estado não estaria a regular excessivamente esta prática, já que nada impõe, apenas intervindo quando chamado para o assunto: no caso em que alguém seja processado. Esta lei parece, portanto, quase à prova de bala, pelo menos a um nível legal ou jurídico, não obstante em termos éticos e morais ser uma quase barbárie, algo até grotesco. Com efeito, para além de não abrir exceções para casos de violação ou incesto- algo por si já horrendo-, ao colocar um limite de 6 semanas impede cerca de 85% das mulheres de aceder ao aborto ou sequer direito ao mesmo.

De facto, tendo em conta que o período ou contagem de gravidez é iniciada a partir do momento em que se teve o último período, uma mulher estaria já grávida de 4 semanas no momento em que nota que lhe falta o atual período, num somatório de apenas 2 semanas para descobrir se está grávida e, a partir daí, tomar uma decisão- por si morosa- e, caso assim o decida, iniciar o processo de interrupção voluntária da gravidez.

Deste modo, tal limite temporal não tem em conta quem não tem um ciclo regular, quem não controla ou regula ou mesmo, quem não sabe em que dia o mesmo é suposto começar. Tudo situações válidas, legítimas, às quais não deveria ser retirada importância apenas porque alguém decide colocar a vida de um ser não consciente e não senciente à frente da mulher cuja vida mudará e que não deveria ser, de maneira nenhuma, obrigada a ser mãe. Lamento informar-vos, mas essa não é a ordem correta de pensamento, é sim misoginia internalizada, uma ideia patriarcal de que a mulher é ser parteiro, a quem deve ser incutida a condição de mãe, quer seja essa a sua vontade ou não.

É arcaico e é dificultar a vida a grupos por si só já atrofiados e marginalizados nesta questão, sejam eles adolescentes, minorias e pessoas de cor- que, em 2019, representavam cerca de 70% do total de abortos-, imigrantes sem documentação.

Efetivamente, na discussão e debate sobre o que se deve ou não fazer, várias são as vezes em que, quem fica mesmo impedido de fazer, são aqueles que anteriormente mais beneficiavam do seu enquadramento legal.

Tomemos o exemplo dos custos financeiros que, por si só, não são nada baixos, rondando os cerca de 550\$ no Texas, valor que nem todas as mulheres conseguem reembolsar. Deste modo, na eventualidade de uma mulher precisar agora de fazer um aborto após as 6 semanas, tem- para além do preço do aborto em si- de considerar os custos de deslocação, de habitação ou residência, um valor que em muito pode ultrapassar a sua disponibilidade financeira.

Na verdade, para além disto, restam apenas opções não tão seguras ou viáveis, recorrendo a métodos perigosos, ou então ao aborto autoinduzido com recurso a comprimidos comprados online de forma ilegal.



Logo, e passando agora para um outro ponto e para uma visão mais abrangente, mas complementar ao assunto anterior, torna-se importante referir que mesmo este acesso ao aborto em países sem restrições se viu limitado no decorrer da pandemia e das sucessivas quarentenas a que as populações foram sendo sujeitas.

Por conseguinte, os comprimidos há pouco mencionados- mas agora de forma legal- e a telemedicina passaram a ser uma das principais, senão únicas, opções. A procura por estes, no Reino Unido, aumentou cerca de 27%, com o Covid-19 a agravar as condições económicas e financeiras de muitas mulheres que, na falta de emprego ou de prospetivas futuras, se viram obrigadas a recorrer à interrupção voluntária da gravidez. Contudo, nem todas se viram com as mesmas possibilidades, já que, mais uma vez nos Estados Unidos, cerca de 18 estados criaram leis que proibiam a assistência por telemedicina ao aborto legal.

Depreendemos, portanto, que a pandemia veio apenas vexar as disparidades económicas existentes, sendo que as mulheres oriundas de cenários mais pobres e desfavorecidos e que eram já 3 vezes mais prováveis de recorrer ao aborto- por comparação a mulheres mais abastadas- viram agora esta lacuna a reforçar-se ainda mais.

A questão do aborto não é, pois, uma questão de agora, mas sim uma questão para todo o sempre, sobretudo quando apenas cerca de 67 países e cerca de 36% das mulheres têm um acesso completo ao mesmo, com os restantes a ou banirem por completo a IVG (26 países e cerca de 5% das mulheres) ou a restringirem-no, permitindo apenas que o mesmo seja levado avante num certo número de casos, por norma quando a saúde da mulher estiver a ser posta em risco (39 países e 22% das mulheres).

A questão do aborto não é, pois, uma questão de agora, mas sim uma questão para todo o sempre, sobretudo quando apenas cerca de 67 países e cerca de 36% das mulheres têm um acesso completo ao mesmo, com os restantes a ou banirem por completo a IVG (26 países e cerca de 5% das mulheres) ou a restringirem-no, permitindo apenas que o mesmo seja levado avante num certo número de casos, por norma quando a saúde da mulher estiver a ser posta em risco (39 países e 22% das mulheres).

Deste modo, e como considerações finais, continua a ser ainda ultrajante o tratamento, em muitos países, que ainda é dado a uma mulher que decide abortar, considerando que a mesma chegou, inclusive, a cometer homicídio- tomemos o caso de El Salvador, onde cerca de 181 mulheres foram já presas, na sequência de abortos ilegais.

Mas é importante afirmar, reafirmar e bradar: mulheres não são criminosas ou promíscuas apenas por quererem ser livres para decidir aquilo que fazer ou não com o seu corpo. Apenas por quererem usufruir de um direito que é seu. Por não quererem ser mães. Por quererem ser sexualmente emancipadas, donas de si.

Esta tática de forçar as mulheres a abortar na clandestinidade ou a terem de se deslocar ao estrangeiro para tal não resulta, é castradora e perigosa para o género feminino. Na estratégia de querer reduzir o número de abortos, o fornecimento de contracetivos e o acompanhamento por meio de consultas de planeamento familiar são meios muito mais eficazes e seguros. São o colocar da mulher no centro da sua decisão ao permitir-lhe o acesso a cuidados de saúde que, de outro modo, poderia não ter direito.

Vejamos neste caso o exemplo da França que, para além de já disponibilizar gratuitamente contracetivos para jovens até aos 18 anos, o que inclui a pílula, o DIU e o implante, vai agora estender esse direito a jovens até aos 25. As razões? Procurase que nenhuma mulher seja impedida de aceder a estes por razões financeiras ou por não ter disponibilidade para tal- seria algo inaceitável.

O acesso é, assim, universal e gratuito para qualquer jovem neste intervalo de idades e tem sido fulcral para reduzir o número de abortos, sobretudo, entre os 12 e os 14 anos. Aborto não pode ser, por isso, conversa isolada e tema único. Claro está, por cada aborto que é realizado, circunstâncias e razões prévias existem, uma vez que esta não é uma decisão tomada de forma estouvada, nem é algo que se faz de consciência leve. Contudo, é uma que por vezes precisa de ser feita- a vida da mulher é primordial e central neste debate, é a ela que devem caber as decisões, não a homens, não a decisores externos, não a pessoas que nunca na vida terão de passar por uma situação semelhante.

O tabu não é a solução, só cria estigma, desinformação, cria uma busca por falsas homicidas. Estas duas narrativas são, concluindo, díspares, colocadas em pontos completamente diferentes no espetro da emancipação e da igualdade de género: de um lado temos o progresso, a compreensão e o respeito, do outro o estigma, o preconceito, a subversão de um género ao outro, porque mulher não é mulher senão tiver filhos, mesmo quando esses resultam de traumas, de violência, de malícia. Mas mais uma vez é importante referir que a vida de um feto não se sobrepõe à de uma mulher.

Ser "pró-vida" não deveria ser apenas querer que o bebé nasça, deveria também ser o assegurar que o mesmo tenha uma boa condição de vida, um ambiente para prosperar e vitoriar; não arruinar uma vida, ou talvez duas, por a mulher não ter condições para dos dois tratar. Mas dessa parte os "pró-vida" não querem saber, só a procriação e restrição dos direitos das mulheres lhes parece importar.





# Quando Um Estado Vai ao Estádio

/ POR JOÃO QUARESMA

"Can we have two golds? History, my friend!"

São as palavras que marcaram Tóquio2020, palavras essas que se fizeram acompanhar pelo momento dos Olímpicos, quando o qatari Mutaz Barshim decidiu partilhar o ouro no Salto em Altura com o italiano Gianmarco Tamberi. Foi um momento épico, que trouxe à superfície o que de mais belo tem o desporto: o fair-play, o respeito pelo adversário, a aproximação de culturas.

Tradicionalmente, quando pensamos em peripécias diplomáticas disponíveis nos arsenais dos Estados, imediatamente pensamos em guerra,

financiament**os**, sanções, poderio institucional, propaganda. Ora, estando nós ainda a ressacar de um verão repleto de competições desportivas – Euro2020, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, Mundiais de Futebol de Praia e, a decorrer, de Futsal – creio não existir melhor momento para discutir como o desporto, a política, e a diplomacia, cada vez mais andam lado a lado, de modo tão evidente e, simultaneamente, tão discreto.

Esclareçamos desde já o poder do desporto: num mundo hoje tão global e multilateral (pese embora as naturais reações adversas ao fenómeno) não há nada – exceto a guerra – que mova mais uma nação, que exalte multidões, que traga mais à flor da pele o nosso patriotismo, que o desporto. As modalidades coletivas, em particular, enchem arepas com indivíduos puxando em uníssono pelos seus





O futebol é, efetivamente, a modalidade preferida dos Magiares. A ideia parece ser satisfazer os milhares de adeptos (e votantes) no país – afinal, um dos segredos de Roma para sustentar um Império tanto tempo foi o sistema de "alimentar e entreter o povo" enfatizando aqui o "entreter" – e, à semelhança do que Portugal fez em 2004, usar o futebol como alavanca para o turismo e economia em geral, sendo uma estratégia em tudo igual aos tempos de construção do Hungaroring, o mítico circuito húngaro, imediatamente reconhecido por qualquer fã de Fórmula 1.

É ainda uma forma de ancorar Orbán ao poder, já que parte dos investimentos recaíram sobre instituições detidas por grupos de interesses relevantes para o primeiro-ministro.

Sendo o futebol o desporto-rei mundial, não é de estranhar que seja a modalidade mais prolífica em exemplos. Pois bem, alguma vez o leitor reparou que a Champions tem como um dos principais patrocinadores a Gazprom? Ou que este Euro teve como um dos maiores patrocinadores a Hisense?

Em comum estas duas empresas têm o facto de serem maioritariamente detidas pelos respetivos estados – Rússia e China – estados que não são propriamente reconhecidos pelo seu respeito pelos direitos humanos, muito menos pelo seu apreço democrático. Moscovo e Pequim beneficiam "clandestinamente" de uma promoção das suas multinacionais, é uma jogada categorizável algures entre soft e sharp power.

O resultado? Os nomes destas empresas ingressam no léxico ocidental.

Através do futebol, não são apenas os milhões que entram nos cofres das multinacionais, são também as perceções do comum europeu que mudam. Para ele, Russos e Chineses não são rivais políticos e sistémicos, são parceiros confiáveis que integram e fazem mover a paixão futebolística.

Mas melhor ainda do que mero marketing desportivo, é, como Portugal bem demonstrou, organizar uma grande competição desportiva. A China ofereceu-nos em 2008 aquelas que muitos ainda hoje consideram as mais incríveis Olimpíadas de sempre; a Rússia organizou as Olimpíadas de Inverno de 2014, em Sochi, e o último Mundial FIFA. E para o ano, é a vez do Qatar espantar tudo e todos com os incríveis estádios que acolherão o Mundial FIFA.

São grandes eventos que, fruto do seu multiculturalismo inerente, se configuram frequentemente em certames políticos, ou, pelo menos, com alguma simbologia política. São grandes eventos que, por momentos, ofuscam os podres dos anfitriões: a repressão às manifestações pró-Tibete em 2008 foi ofuscada pela arquitetura do "Ninho"; as graves violações aos direitos dos trabalhadores nos estádios qataris, embora denunciadas, pouco ecoam na comunidade internacional, que se foca antes no aspeto desportivo puro, e no pioneirismo da empreitada – será o primeiro Mundial no Médio Oriente.

A palavra-chave, é, novamente, "perceções". Qualquer um fica embasbacado com a arquitetura das arenas usadas nos referidos certames. As suas linhas inovadoras, o seu perfil tecnologicamente avançado, pintam países modernos, ricos, desenvolvidos, convidativos ao negócio, com um nível de vida superior. Pouco importa que as fundações sejam frágeis, se o visual da casa for distinto. Também toda a organização do ponto de vista da logística ou mesmo da segurança, se bemsucedida, transparece para fora a disciplina destes países, e para dentro a ordem à qual os seus cidadãos se poderão sujeitar. Seja como for, é uma mensagem de força, coordenação e eficácia.

Mais, friso novamente o cariz inerentemente político dos eventos. A presença de uma delegação de atletas, e principalmente a presença de representantes do Estado nas cerimónias traduz-se em legitimidade do anfitrião e reconhecimento do visitante.

Continuando nesta senda, gostaria agora de recordar um dos tópicos iniciais: a visibilidade dos atletas. Estes tornam-se ídolos, e em países como China ou Rússia, onde a ideia de culto às personalidades (aos líderes) está enraizada, é fácil tornar os seus atletas em figuras admiradas pelos cidadãos.

Os referidos países, em particular a China, cada vez mais investem na preparação das suas delegações desportivas por isso mesmo: o sucesso de um atleta é o sucesso da nação. A força de um halterofilista, a resistência de um fundista, a harmonia de dois mergulhadores ou a graciosidade de um ginasta são o espelho de tudo o que a nação faz por si, representam subliminarmente a força, a resistência, a harmonia e a graciosidade da sociedade em causa. São ídolos diferentes dos adorados líderes: são homens e mulheres comuns made by the state, são prova de que só os regimes em causa promovem o desenvolvimento não apenas do estado per se... mas daqueles que o compõem.

Finalmente, vale a pena terminar a análise com um certame mítico, um exemplo claramente dirigido para dentro, para fomentar a união nacional.

Falamos do Mundial de Rugby de 1995, disputado na África do Sul e vencido precisamente pelos Springboks.

Não será, quiçá, tão descabido assim, considerar o lendário Nelson Mandela um pioneiro no aproveitamento do desporto em prol da nação. Mandela utilizou a ocasião para promover um orgulho sul-africano comum, para unir negros e brancos num país cujas cicatrizes do Apartheid ainda não haviam sarado.

Não foi uma iniciativa isenta de críticas, fruto das históricas ligações profundas da seleção de rugby aos preponentes do Apartheid, mas ainda hoje a entrega do troféu por parte de Mandela ao capitão François Pienaar é um momento icónico da história sul-africana.

Fonte: The New York Times

Seja como for, o entusiasmo de Mandela, o modo como o rugby procurou unir uma nação partida em duas, devem servir de exemplo para todo o mundo.

Não é preciso combater pelo país para atingir a união, nem forçá-la com uma endoutrinação desenfreada, nem simular grandes manifestações em torno de um só homem para atingir uma união falsa.

Talvez algo tão simples como chutar uma bola seja um primeiro passo para uma coesão verdadeira.

Porque essa é a beleza do desporto. A superação envolvida, a inspiração que transpira para milhões, a capacidade de unir comunidades

Pois se, como vimos, muitos hoje tentam aproveitar-se desta magia para fins próprios, é inegável que o desporto não divide, agrega. Em que outro contexto veríamos as Coreias lado a lado na mesma equipa? Nenhum outro.

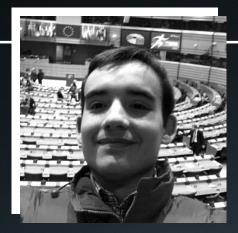
Por muito que tentem, a magia do desporto, todos os valores que o sustentam, perfeitamente encapsulados no episódio de Barshim e Tamberi, nunca poderão ser totalmente ofuscados pelos tiques imperialistas e revisionistas de alguns.

Nota 1: gratidão profunda a Pedro Pichardo, Patrícia Mamona (Triplo Salto, ouro e prata), Jorge Fonseca e Fernando Pimenta (Judo e Canoagem, bronze). Foi a melhor participação olímpica de sempre, com quatro medalhas. Gratidão profunda também para os paralímpicos Miguel Monteiro e Norberto Morão (Lançamento do Peso F40 e Paracanoagem VL2, bronze), que provaram que o físico não define o homem. A ambas missões, a todos os medalhados e diplomados, obrigado por nos terem feito sonhar!

Nota 2: homenagem a Nelson Évora, que realizou em Tóquio as suas últimas Olimpíadas. Merecia uma última prova melhor, mas saiu acarinhado por todos os atletas presentes, reflexo do legado de um homem eternizado na história do desporto nacional.

Nota 3: parabéns ao Neemias Queta, escolhido no draft pelos Sacramento Kings, tornando-se no primeiro jogador português a ingressar na NBA, e ao João Almeida, novo vencedor da Volta à Polónia!

Nota 4: parabéns à Seleção de Futebol de Praia que, apesar da desilusão no Mundial, revalidou o título da Superliga Europeia. Tricampeões!



# "The Tiger Who Came For a Pint"\*

/ POR ALEXANDRE GÓIS

To the comedian's comedian,

Este meu primeiro artigo é, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a compatibilidade do humor com a liberdade de expressão e, ao mesmo tempo, sobre o problema da cancel culture, que está muito presente na nossa sociedade. O que é o humor e o porquê de lhe tentarem por amarras.

No entanto, comecei este texto como uma carta a quem eu considero ter sido um dos melhores humoristas de sempre: o inglês Sean Lock.

Faleceu precocemente no dia 16 do mês passado, alguém que representava a liberdade, criatividade e genialidade, por trás de uma simplicidade com que nos facilmente relacionamos, ao criarmos uma base comum, uma piada.

A forma como "pegava" em coisas do dia a dia e misturava o absurdo, usando a máscara de um homem rezingão e pouco social, tornava-o, a meu ver, especial. Não tinha que fazer sentido, só tínhamos que desfrutar. E isso, é o humor. Tal como tantos outros, Lock sofreu várias tentativas de ser cancelado pelo seu trabalho. Infelizmente, nos dias de hoje, é um risco de censura que, não só os humoristas, mas qualquer artista que se exponha, corre.

Especialmente quando a sua «opinião» é arrojada e ao que chamamos frequentemente de «polémica», como era o caso do seu humor. Só que, no caso da comédia, isto torna-se muito inquietante, pois não estamos a falar de uma opinião ou a trabalhar na mesma dimensão de outros produtos da liberdade de expressão, como a política.

E é aqui que surge, a meu ver, a importância de responder às questões, por muito cómicas que soem, de «Até onde nos podemos rir?» e «Rir do quê?».

O humor serve como uma extensão, uma ponte para a liberdade de expressão. Esta sim, tem alguns limites, não como direito, mas na forma como a utilizamos e a onde.



O humor dá-nos diferentes armas, que nos permitem dar o salto para um patamar diferente que não está sujeito às mesmas regras.

Vejamos o seguinte exemplo: se num contexto formal eu referir que "todos os muçulmanos são bombistas" eu estou a ser uma pessoa xenófoba e intelectualmente desonesta. As piadas possuem duas histórias ao mesmo tempo: a primeira, serve de introdução e cria uma certa ilusão sobre a sua real mensagem.

A segunda história, é a chamada punch-line, que nos remete para o absurdo da anterior e para onde o comediante verdadeiramente pretende chegar.

Tal permite-lhe, graças a recursos como a ironia, o sarcasmo ou a hipérbole, transmitir a mesma ideia anterior, mas humorísticamente e, assim, dizer o contrário do que realmente está a pensar.

Ganhando o direito da liberdade de expressão, conseguimos dar o salto para o humor e, por sua vez, graças à sátira, o salto para a crítica e reflexão social.

Por isso, também o humor não deve ser limitado. Um simples «bom dia», pode causar irritação em alguém que não está a ter um dia igual. Seguindo a lógica de cancelamento, o que nos impede, ao cancelar um «bom dia», de cancelar tudo o resto?.

Não nos podemos rir de mais nada, é isso?. Nada de temas sérios e só coisas que já têm piada por si só, correto?. Mas isso não é «chover no molhado»?. Em relação a lugares «aceitáveis» para a comédia: teremos daqui em diante plaquinhas a dizer «Aqui pode rir»?.

Este é o absurdo a que chegaremos se não pararmos com esta cultura de cancelamento. Qualquer humor é aceitável. Negro, rosa, roxo, etc.. Se não achas piada a A estás certo e se não achas também estás certo. Afinal de contas, é só uma piada, e apesar de podermos pegar nela para refletir socialmente, não é mais do que é, nem tem que ser.

O objetivo do humorista é só fazer rir, é o seu trabalho. Não é nenhum moralista com o trabalho de moldar e mudar o rumo da sociedade ( e ainda bem que não!). Por esta razão, e isto é fundamental, não os devemos levar a sério. Quão difícil pode ser apenas desfrutar?.

Ricky Gervais, disse algo que é uma das raízes desta censura e com que eu concordo absolutamente: a maioria das pessoas confunde o conteúdo da piada com os seus supostos alvos. Não me vou debruçar mais sobre a razão desta falácia de pensamento, pois fi-lo anteriormente.

A segunda origem, tem que ver com a dificuldade das pessoas em «concordar em discordar», o que leva à ideia de que só uma ideia pode ganhar. Quem são os culpados de contaminar com esta forma de pensar?

Na minha opinião, duas fações opostas, mas importantes: liberal e de esquerda. Ambas se manifestam na altura de escolher entre a tolerância total e uma meta reguladora de bem e, por escolherem a primeira, acabam por não tolerar nada.

No caso do liberalismo, porque sobrepõe o individualismo a tudo resto, acabando por defender o relativismo e cancelar quem pensa de forma diferente.

A esquerda, pela razão de se apoderar de causas nobres como se fossem exclusivamente dela, só ela as pode defender e o resto é fascista, racista ou machista por discordar. Tende a associar-se a grupos coletivistas que partilham a sua ideia e acham que podem fazer tudo em nome da sua causa. Grupos como Black Lives Matter, de causas feministas, causas ambientais ou a comunidade LGTBQ +, esmagam o indivíduo.

Impedem que uma mulher ou um homem de outra raça sejam julgados, para o bem ou para o mal, como indivíduos, tornado a avaliação dos seus atos ou o seu potencial pessoal imparcial desde o início.

Na era em que vivemos o indivíduo tende a ser a menor das minorias, quando devia ser a maior.

Ter sentido de humor é sinal de inteligência, mas também de alguma coragem, pois implica a capacidade de arriscar e romper com preconceitos ao rirmo-nos de nós próprios.

Até na política ou diplomacia é sempre bem vindo. A comédia é uma arte com o mesmo valor que as outras sete. Todos aqueles que, de alguma forma, contribuem para ela- desde humoristas, a produtores de séries e filmes, atores, ou escritores - não são suficientemente valorizados e muitas vezes postos de lado, tentando calar a sua voz.

O cinema ganhou bastante quando deixou o mundo do humor fazer parte do seu. Os comediantes oferecem a sua rapidez e capacidade de improviso.

Eles têm uma espécie de super poder de dar felicidade, nem que seja por um segundo, a todos os que os ouvem e passam por um bocado mais complicado- e isto é fantástico. A vida torna-se mais fácil quando nos rimos dela.

A «cancel culture» é, assim, uma ofensa a todos os humoristas e uma ameaça à liberdade de expressão. Polícias da comédia, LOL. Se estás a ver televisão e não gostas do que vês, usa aquela coisa ao teu lado chamada comando e pronto o teu problema foi-se.

Como magia! «Detesto aquela pessoa nas redes sociais», deixa de seguir. «It's like cilic bang! Puff and it's gone!», citando Sean Lock. A própria televisão tem a sua cota parte nisto pois coloca estupidamente demasiadas limitações naquilo que se pode ou não dizer, deixa que a parvoíce do PC (political correctness) seja o seu patrão.

Só fazendo stand up um comediante se sente verdadeiramente livre hoje em dia. Contar piadas tem muito a ver com uma certa liberdade que tem de ser preservada.

Numa entrevista para o programa televisivo da CNN Larry King Live, em 1985, um membro da audiência liga e pergunta ao humorista americano Don Rickles (um dos melhores de sempre e conhecido pela sua comédia de insultos) se em alguma das suas atuações sentiu que foi demasiado longe no que disse

Esta foi a sua resposta: «Everything I've ever done, I've never taken back. When you stand out there, you have to believe in what you do. If for one moment you think «I shouldn't have said that», you are a fool as an entertainer. When I'm out there, I 'm doing my best to make people laugh. I'm not out there to hurt somebody. I perform with my soul and with my honesty, and I think that's what makes me go.».

Espero que esta minha reflexão tenha estado à altura de uma das maiores mentes da comédia que já existiram e ao mesmo tempo tenha conseguido defender o seu trabalho e a liberdade de expressão.

O mundo ficou mais deprimente. Lutou contra todos os prognósticos de cancro do pulmão. Antes da comédia, teve inúmeros trabalhos desde construção civil, cuidar de cabras em França, a trabalhar num kibbutz em Israel. Um exemplo para todos.

Aconselho vivamente, para além dos seus espetáculos, a verem as suas participações no programa britânico 8 out of 10 cats does countdown. Masterpiece. Como se de repente a felicidade tivesse ganho pernas.

Rest in Peace,
Undisputed and undefeated carrot in a box
champion\*.

\*Titulo de um dos sk<mark>etches de Sean Lock que</mark> resulta da adaptação d<mark>o livro infantil: «The tiger</mark> who came to tea».

\*Sketch do jogo Carrot in a Box.



When the civil war had ended, Lebanon recovered its expenses through tourism, foreign aid, and through the assistance of Gulf Arab states that bolstered the central bank's; Banque du Liban; reserves.

However, the most reliable source of income came from its international diaspora, which continued sending money home without fail, despite the 2008 global financial crash.

After the Arab Spring of 2011, transfers into Lebanon slowed because of the political instability that had escalated around the Middle East and as neighboring Syria descended into civil war and chaos. The Lebanese Shiite group Hezbollah's steady growth caused Sunni Muslim Gulf states to end their financial aid.

As the balance of payments decreased and the continuous importation of everything from essential foods and necessities to flashy cars increased, the budget deficit skyrocketed. Thus, the banks opted to give attractive interest rates in exchange for deposits of dollars, and since the Lebanese pound had been attached to the dollar at 1500LBP for 20 years, there was nothing to lose. That way, banks continued to flow and fund the Lebanese spending indulgence.

However, when the spending needed to be contained, politicians spent heavily on a public sector pay rise before the 2018 election. Because the government failed to bring improvements and modifications, foreign donors pulled their aid, worth billions of dollars.

In October 2019, the state decided on a plan to tax WhatsApp calls. As Lebanon has a significant diasporic population, where their primary means of communication with their relatives in Lebanon is WhatsApp, the tax would have been disastrous for them.

This was the last straw for many, and protests finally broke out, where protestors called for the end of the regime and the political elite, where the tax system was skewed to favor the rich. In contrast, many other Lebanese citizens struggled to feed their families.

Fonte: The New York Times

Banks could no longer pay their depositors queuing for days on end outside, and so they all shut down. The currency collapsed from 1500 to the dollar, to a general rate of around 15,000 Lebanese pounds to the dollar in June of 2020.

This fall of the currency and the protests ultimately led the prime minister and his entire cabinet to resign.

Furthermore, the COVID-19 pandemic overwhelmed already collapsing hospitals that couldn't treat their patients correctly due to a considerable shortage of supplies and equipment.

The day before the explosion, the main coronavirus medical facility warned that they were close to total capacity and could not pay their staff due to the financial crisis. The pandemic greatly affected the already plummeting employment rate, and other local businesses were forced to close and lay off their employees.

The explosion in the Port of Beirut shook Lebanon in a way it had never been felt before since the Lebanese Civil War back in the 70s. Causing significant destruction worth \$15b in property damage and leaving approximately 300,000 people homeless, the explosion exacerbated the already grim situation in the country.

More protests erupted immediately after the ruins against the government for their failure of preventing the adversity and demanding an explanation as to why there were 2750 tones of ammonium nitrate stored in an empty, abandoned warehouse and why a fire preceded straight after the eruption in the same place. However, as of now, the exact cause of this detonation is still "under investigation".

The General Director of General Security, Major General Abbas Ibrahim, claimed that the ammonium nitrate had been confiscated off of the MV Rhosus ship. The ship was a general cargo ship that was abandoned and deemed unseaworthy as the charterers lost interest in the cargo. Lebanese officials had impounded the ship for failing to pay the port docking fees and other charges.

The fault here lies in the corrupt Lebanese government's failure to remove the explosive materials from the warehouse and relocate them to somewhere safe and the mismanagement of the port

The explosion's property damage was extreme. Cars were overturned, buildings stripped of their steel frames, the shoreline was left with a 124x43m wide crater, homes as far as 10 kilometers away were damaged, approximately 90% of the city's hotels were destroyed as three hospitals.

Thousands of injured civilians brought to nearby hospitals couldn't be admitted because of the sheer damage to the buildings.

Beirut's most prominent medical center, Saint George Hospital, was less than one kilometer from the explosion and was so severely damaged that staff were forced to treat patients in the streets.

Cancer patients being treated before the blast were met with flying glass to their faces and bodies.

Within hours, the hospital was forced to close.

The hospital's director of intensive care, Dr Joseph Haddad, said, "There is no St. George Hospital anymore. It's fallen, it's on the floor... It's all destroyed."

Furthermore, about 15,000 tons of grain was lost after the grain silos were hit, leaving the entire country with less than a month's worth of grain in reserve.

Nevertheless, when tragedy struck, the Lebanese people stuck together resiliently.

Every available ambulance and medic of the Lebanese Red Cross was sent to Beirut to help patients. The local "Uber" app, Careem, offered free rides to hospitals and blood donation centers to anyone willing to volunteer and donate blood.

Locals cleaned the streets from the debris, while businesses provided to repair damaged buildings. Civil society organizations prearranged food banks and opened their homes and hotels for free to those who became displaced through the chaos. All the while, much needed international aid was pouring into Lebanon.

Two hundred fifty-three million euros in aid were raised, to which it was agreed not to be given to the corrupt government but the Lebanese people through the United Nations and NGOs.

The crisis has given Hezbollah's secretary-general Hassan Nasrallah the geopolitical opportunity to deal with Iran to send financial and humanitarian aid.

Naturally, this would enrage the United States and lead to heavy sanctions; however, considering the grave situation Lebanon's 6.8 million civilians are facing, with a shortage in grain, hospital equipment and medicine, an inflated economy with extremely high prices, a crumbling electricity system, that probably wouldn't be happening.

There are usual power cuts, even before the economic downfall. Still, these days, most parts of the country only get access to two or three hours of power a day, so locals are forced to work in darkness and roasting heat or buy private generators that cost around 15 million Lebanese pounds. The issue is that the fuel shortage means there isn't enough diesel to run the generators.

Lebanon has had no government ever since the explosion last year where the former Prime Minister and his entire cabinet resigned. Finally, widely criticized billionaire businessman Najib Mikati was designated for the PM position and formed a cabinet ahead of the national elections organized for next year.

Instead of finding ways to better off the country from total ruin, Mikati has been working on negotiations for a sectarian-power sharing agreement that ended the civil war in 1990, allowing the country's 18 religious sects to be guaranteed significant political positions.

This has allowed corruption to flourish even further and centralize total power within an aristocracy. This system is collapsing, and it's time for another, more transparent system to be built, more inclusive of the entire Lebanese society, and not just the elite.





# Das naturais oposições

/ POR HELENA SEQUEIRA

Bebo do sol a calmia da manhã enérgica

E das ondas suspiro a eternidade do incompreensível,

Porque o poente me inspira a alma de saber sedento

E o nascente me alimenta o corpo de vontade finita.

Corre-me nas veias o calor dos raios que se escondem no horizonte

E pelas lágrimas queima-me o rosto o sal da maré que madruga.

Porque toda eu me construo da oposição clara da criação,

Sou sol e mar que o refresca,

Sou noite escura e luz de fértil esperança.

# 

/ POR BRUNO MIRANDA LENCASTRE





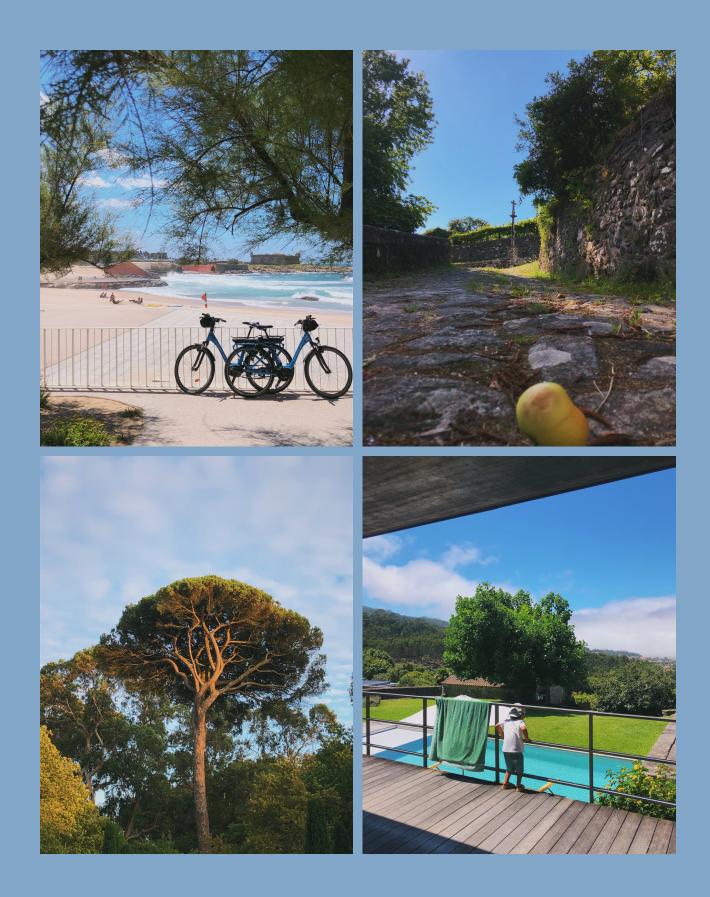




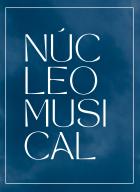














# "Blue" de Joni Mitchell

/ POR ANTÓNIO CEBOLA

Não tenho bem a certeza quando foi a primeira vez que ouvi o seu nome mas sei quando foi a primeira vez que senti interesse em investigar acerca da sua discografia: foi o ano passado, 2020, em plena pandemia, quando a personagem Rebecca Pearson de *This Is Us* revelou o seu amor incondicional por Joni Mitchell e pelo seu segundo álbum de estúdio, Clouds (1969).

Atraído pelo encanto e emoção do episódio da série, ouvi esse álbum na manhã seguinte e apercebime que estava na presença de algo muito bom e com o qual queria passar mais tempo. Embora tenha ficado perplexo com a beleza simples e genuína de *Clouds*, foi apenas na semana seguinte que fiquei totalmente rendido à cantora e compositora canadiana ao ouvir pela primeira vez aquele que ocupa, atualmente, o terceiro lugar da lista *The 500 Greatest Albums of All Time* da revista *Rolling Stone* e o primeiro na minha lista pessoal, *Blue* (1971).

Em junho de 1971, depois de ter lançado três álbuns e ter alcançado algum sucesso e reconhecimento como compositora, Joni Mitchell editou o melhor álbum da sua discografia, recorrendo ao seu fiel dulcimer e à sua incomparável capacidade de composição literária e musical, a qual permite criar uma síntese artística baseada não só em confissões, desabafos e histórias autobiográficas mas também no mundo que a rodeia.



E que mundo a rodeava em 1971!

Para além de se levantar como um quase-membro da counterculture hippie, opondo-se ao quadro político e social dos Estados Unidos da América, fazia parte de uma indústria completamente liderada por homens e onde as mulheres eram, muitas vezes, enjauladas artisticamente, não podendo passar através da sua arte a vulnerabilidade ou a complexidade das suas vidas que acabavam por ser reduzidas a dicotomias superficiais.

Com *Blue*, Joni Mitchell desafiou essas "normas" e lançou um projeto de 10 faixas, nas quais não há máscaras nem rodeios, apenas a fragilidade, a loucura e a ânsia por mais de alguém com 28 anos a tentar perceber o que é a vida e como resolver os constantes conflitos impostos.

All I Want é, na minha opinião, uma das mais brilhantes músicas de abertura de um álbum pois, apesar da sua simplicidade melódica, apresenta o tumulto interno que Mitchell sente ao longo de todo o projeto, começando a mostrar alguns dos pequenos detalhes como palavras ou imagens que parecem demasiado reais para terem sido criadas mas que o tornam tão especial.

Por exemplo, quando canta "I am on a lonely road and I am traveling/Looking for something, what can it be?", Joni menciona, subtilmente, a viagem que fez pela Europa, referida posteriormente em músicas como Carey e California, mas também a viagem até à idade adulta que se caracteriza em si pela confusão, pelo desejo de aventura e pela dor. Por isso, debate a dificuldade de encontrar o amor, preservando o espírito indomável e liberdade que fortemente a distinguem.





À semelhança de All I Want, todas as outras músicas de Blue vêm de um lugar muito pessoal e, como a própria artista disse, não deixam nada por revelar e, mesmo que em 1971 não fosse possível compreender tudo, em 2021, temos essa chance.

Little Green é um desses casos, uma vez que só na década de 90 o seu verdadeiro significado foi revelado: num dos momentos mais vulneráveis da sua discografia, Joni Mitchell canta para a sua filha que colocou para adoção na esperança de a criança conseguir ser feliz e ter uma vida melhor, a qual Mitchell não poderia dar enquanto estudante pobre de 20 anos.

Em River, socorrendo-se da melodia de Jingle Bells, dá início a um dos momentos mais melancólicos do álbum onde deambula entre a solidão e a dor de perder alguém que se amou muito, recordando, tenuemente, um episódio de infância em que não pode passar o Natal junto dos seus.

Em *California*, Joni Mitchell não só fala das suas paragens em "Paris, France", na Grécia e em Espanha e das saudades que sente da sua casa, Califórnia, como também reflete a situação que se vivia nos EUA aquando da administração de Richard Nixon, nomeadamente, a guerra do Vietname.

Porém, pessoalmente, é impossível falar de Blue sem se falar de *A Case of You*. Do primeiro ao último segundo, esta música, quer pela sua melodia, quer pela sua letra, transmite a qualquer pessoa o sentimento que Joni Mitchell sentia por aquele homem que dizia "Love is touching souls".

Mesmo sendo esta uma das músicas de desgosto amoroso mais icónicas de sempre, não creio que seja possível dizer, somente pela letra, o desfecho que este relacionamento encontrou pois, para mim, Mitchell, embora consciente que fosse sair magoada, termina-a numa nota de indecisão.

A música *Blue* capta, em grande parte, aquilo que Joni Mitchell reflete durante todo o álbum: as marcas negativas que a vida deixa em todos.

Contudo, reflete também acerca da forma como lida com a sua tristeza e depressão — "Acid, booze, and ass/Needles, guns, and grass" —, sabendo que o que faz não é o mais adequado nem, muito menos, aquilo que quer para a sua vida no futuro, mas, como sonhadora e romântica que é, este é o seu único mecanismo.

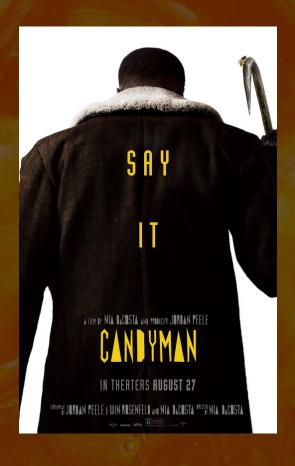
Posteriormente, em *The Last Time I Saw Richard*, a última música, Joni canta sobre a sua última conversa com Richard, um homem que deixou de ser um sonhador e de acreditar no amor para viver uma vida solitária, comum e desinteressante.

Mitchell exprime no último verso a sua preocupação em acabar como Richard pois "All good dreamers pass this way someday" dadas todas as desilusões que sofrem, todavia, sabe ou, pelo menos, quer acreditar que tudo aquilo que sonha ainda pode vir a acontecer.

Assim, a melodia sóbria e pesada em que acaba *Blue* faz-se acompanhar por uma mensagem de esperança, por muito pequena que seja, deixando o ouvinte com a ideia que passou 36 minutos a conversar com amiga que um dia, eventualmente, há-de superar a tristeza que vive nela, mesmo que mantenha as suas músicas a marcá-la como tatuagens.



# sugestões



# "Candyman"

/ POR BRUNO MIRANDA LENCASTRE

Realizado pela cineasta em ascensão Nia DaCosta e produzido pelo já estabelecido nome no género de terror Jordan Peele (cujos trabalhos anteriores incluem o altamente laureado "Get Out", pelo qual venceu um Oscar, e o batedor de recordes "Us"), "Candyman" é uma rica, cativante e - como seria de esperar - aterrorizante continuação da história que começou com o primeiro filme da série em 1992.

Já em 2021, "Candyman" não é só visualmente arrebatador e deliciosamente desconcertante, como não hesita em explorar e expandir os temas sociais de raça e classe da série - que parecem particularmente relevantes nos dias que correm - enquanto aprofunda a mitologia deste pesadelo através de uma trágica história protagonizada por Yahya Abdul-Mateen II (Watchmen, Aquaman) e Teyonah Parris (WandaVision) de uma maneira verdadeiramente assustadora.

"Candyman" encontra-se de momento nos cinemas.



# sugestões

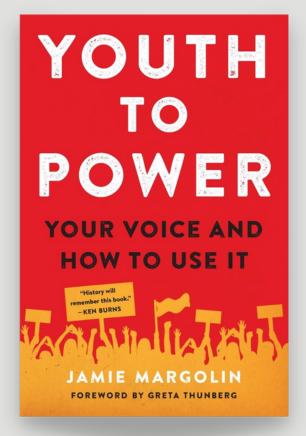


### "Youth to Power"

/ POR BRUNO MIRANDA LENCASTRE

"Youth to Power", escrito pela ativista e ambientalista adolescente norte-americana Jamie Margolin, é um inspirador, sincero e útil manual de leitura indispensável para todos os que quiserem tornar o mundo um lugar mais justo e sustentável um passo de cada vez e queiram aprender a usar a sua voz.

Com um prefácio por Greta Thunberg - a jovem ativista que se tornou mundialmente conhecida por iniciar um movimento global de greve às aulas em protesto da inação do seu governo relativamente às alterações climáticas -, este livro é um guia fundamental para qualquer jovem que, como a grande maioria, esteja preocupado com o futuro do nosso planeta e esteja interessado em contribuir para a proteção e defesa dos seus direitos e da sua comunidade através de ativismo interseccional, e de maneira eficaz e inteligente.



## FICHA TÉCNICA

Diretor-Geral Editorial: Luís Duarte

**Diretores-Gerais Adjuntos:** João Sequeira e Mariana Setra Gostavas de escrever, fotografar ou contribuir de alguma maneira para o Da Democracia em Portugal?

Diretor de Arte e Forma: Bruno Miranda Lencastre

Diretora de Conteúdo: Rita Rosa

Chefe de Redação: António Cebola

**Lá Fora:** Laura Guimarães

Estado de Direito(s): Inês Simões, João Quaresma, Alexandre Góis e Nada El-Majri

> (Cria)tividade: Helena Sequeira e Bruno Miranda Lencastre

Núcleo Musical: António Cebola

Espaço Cultura: Bruno Miranda Lencastre

No DDEP estamos sempre à procura de novas vozes para o nosso jornal que, como nós, estejam investidas na defesa da liberdade e de uma sociedade democrática e liberal.

Se queres fazer parte da nossa equipa envia um email para dademocraciaemportugal@gmail.com com o teu ciclo de estudos no IEP-UCP e em que nos digas como gostavas de contribuir para o DDEP.

Ficamos à tua espera!

### COM O APOIO DE:

